

BOLA DE FENO



bola de feno

carina sedevich

tradução de
ellen maria vasconcelos



MOINHOS

© moinhos, 2019.
© carina sedevich, 2019.

publicado originalmente como
Un cardo ruso, Alción Editora, Córdoba, Argentina, 2016

edição: camila araujo & nathan matos

tradução: ellen maria vasconcellos

revisão: literaturabr editorial

diagramação e projeto gráfico: literaturabr editorial

ilustração da capa: aylén bartolino luna

capa: sérgio ricardo

nesta edição, respeitou-se o novo
acordo ortográfico da língua portuguesa.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
de acordo com ISBD

S447b
Sedevich, Carina

Bola de feno / Carina Sedevich ; traduzido por Ellen Maria Vasconcellos. - Belo Horizonte, MG : Moinhos, 2018.

58 p. ; 12cm x 18cm.

ISBN: 978-85-45557-39-5

1. Literatura brasileira. 2. Poesia. I. Vasconcellos, Ellen Maria. II. Título.

2018-1171

CDD 868.9932
CDU 821.134.2(82)

Elaborado por Odilio Hilario Moreira Junior - CRB-8/9949

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura argentina : Poesia 868.9932
2. Literatura brasileira : Poesia 821.134.2(81)

todos os direitos desta edição reservados à
editora moinhos
editoramoinhos.com.br
contato@editoramoinhos.com.br

APRESENTAÇÃO
por Miriam Reyes



Desde que conheço Carina Sedevich, cada novo livro seu supera aos anteriores com profundidade e exatidão. Quando eu acho que não cabe mais um passo em uma determinada direção, ela decide ampliar o caminho. Como leitora, me emociona ser testemunha de sua busca, embarcar com ela em sua expedição poética e vital, avançar juntas. Escrever este prólogo é caminhar um trecho ao seu lado, e estender a mão para que outros e outras caminhem também. É uma maneira de compartilhar um presente: vocês também podem descobri-la, admirá-la e amá-la, como eu.

Bola de feno é um livro que atravessa o inverno e é um livro de estar no mundo. Por isso, a epígrafe do poeta japonês Taneda Santoka, que abre o poemário – *Na neve, na neve caindo / Neste silêncio / Eu estou* – é o umbral perfeito para ir se adentrando nestes poemas. A palavra de Sedevich neste volume é leve e intensa ao mesmo tempo. Assim como podem ser um sabor, uma música ou um aroma. Algo que penetra sem perfurar. Tem um quê de haicai em seu fôlego, na simplicidade e na precisão à hora de dizer; e também no desprendimento progressivo do eu. Ela diz: *Perdi os grandes pensamentos*. E assim se define: este não é um livro de grandes pensamentos, mas sim de pequenas revelações

que ajudam a viver: *Atravessar o parque / observando as árvores / salva.*

Bola de feno é também um livro de renúncias e de entregas, ou seja, é um livro de eleições: *Consegui alguma liberdade / à força das grandes solidões.* Através da contemplação, propõe uma maneira de estar no mundo desvestida dos artificios do pensamento racional, *vazia de rancores e ambições*, e da necessidade de possuir. Capaz de transmitir com intensidade sua percepção, com seus poemas provoca um estado parecido aos que os geraram. Desde a contemplação do mundo que a rodeia e através da palavra, Sedevich chega a uma profunda comunhão com a vida. E quando chega, nós também chegamos.

As cenas que descreve se abrem nitidamente diante de nossos olhos: *Acompanho minha mãe que se banha. / Nossos corpos solitários / se parecem. / Olho as pedras velhas de seus olhos. / Falamos baixo, como em uma missa. / Me torno doce na água / que a enxagua.* Somos suas testemunhas.

O livro começa e acaba com uma menina, uma cor e uma árvore. E vai traçando um caminho até o outro lado do inverno. A menina, o amarelo e o ipêl são seus apoios, seus guias.

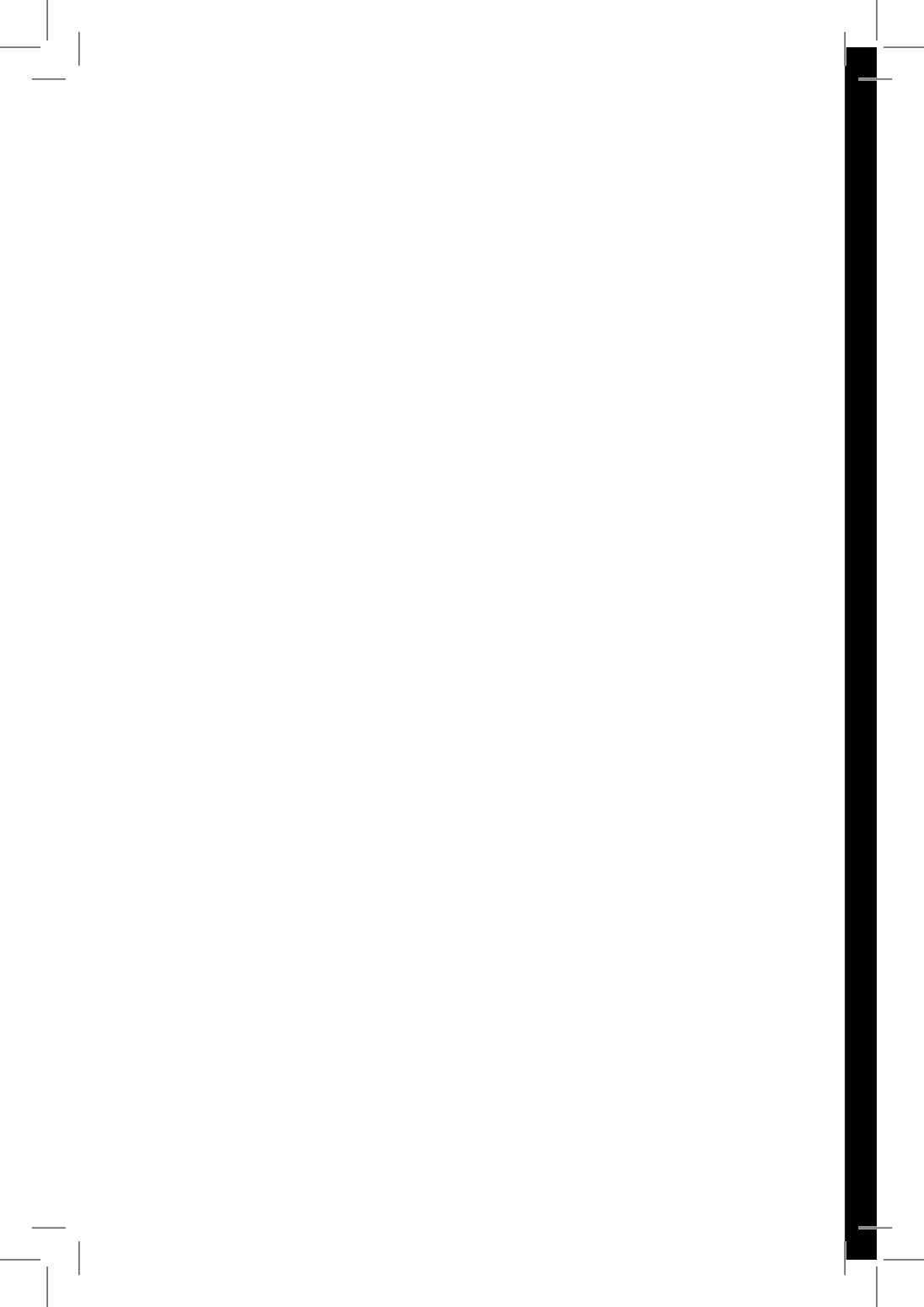
¹ Que encantador descobrir que essa árvore que tanto lhe acompanhou e nos acompanhou em seus poemas é um *araguaney* – ou, ao menos, um primo-irmão dele –. Saberá ela que sua árvore é também a árvore nacional de Venezuela?

Também estão o filho, o irmão, a mãe, os homens que amou e que a amaram (mas esses não são seus guias, eles são outra coisa). E depois estão também dois símbolos cujos significados não deixam de se multiplicar e de se afinar quanto mais eu penso neles: um é o marmelo; e o outro, a bola de feno. Dentro dos muitos significados que para mim tem essa planta, quando li este livro, senti que nós duas éramos como bolas de feno. Florescemos e frutificamos no verão; secamo-nos no outono; então, nossos talos são cortados ao rés do chão e somos empurradas pelo vento. E é assim, já secas, rodando pela terra, sem alimento e sem raízes, que as bolas de feno vão espalhando suas sementes.

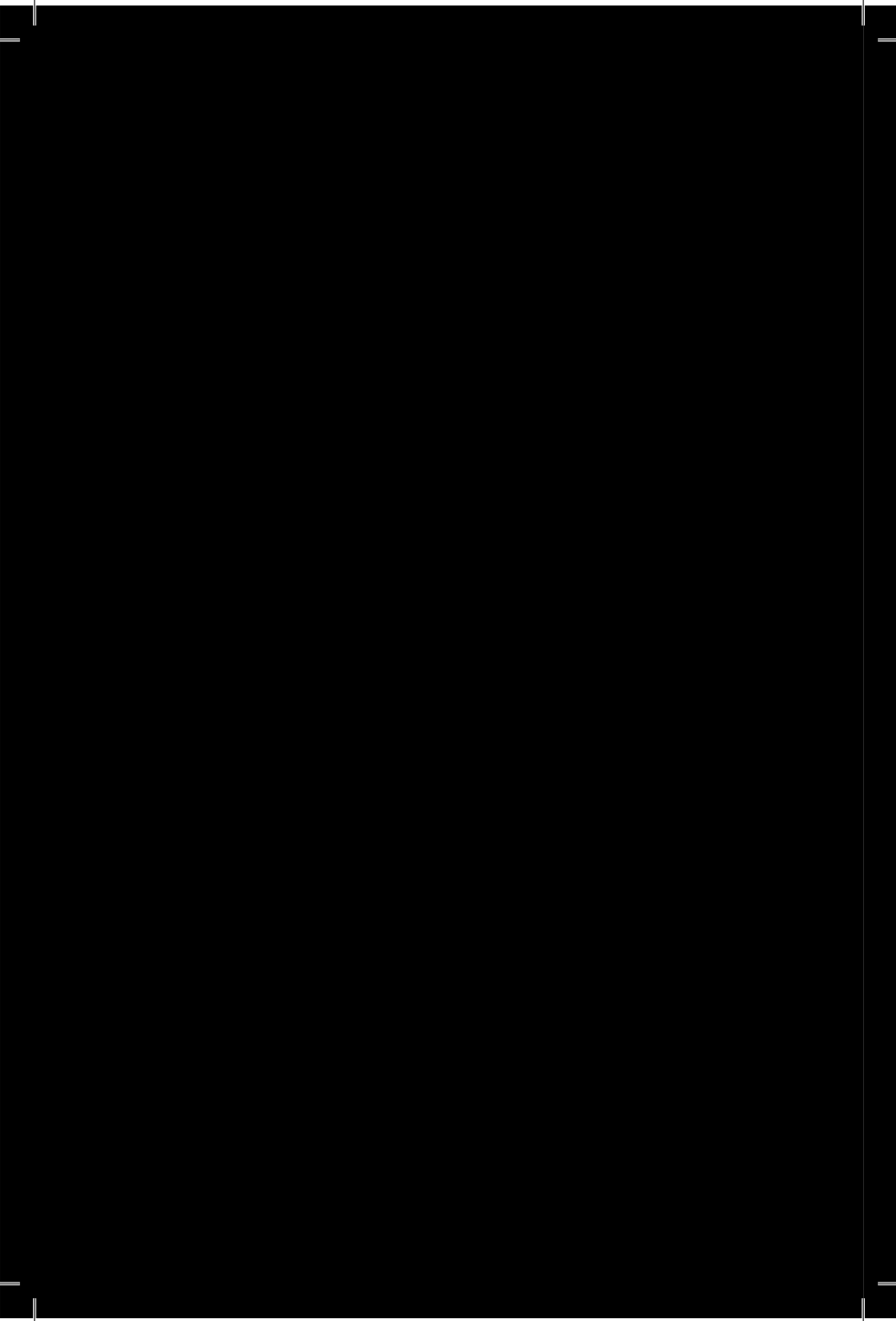
Atrevo-me a dizer que a palavra de Carina Sedevich é semente. Sua poesia, cada vez mais depurada e mais exata, ressoa por muito tempo depois de sua leitura. E com cada nova leitura, se adentra um pouco mais e se agarra mais forte, ficando terreno no peito.

Gostaria de me despedir deste prólogo com outro haicai de Santoka que condensa o que penso da poética de Carina Sedevich: *Na mais frondosa mata / da montanha / atingir à nudez.*

Passem, não temam, é sábia e serena a mulher que daqui em diante lhes acompanha. Ela conhece a dor e sabe curá-la.

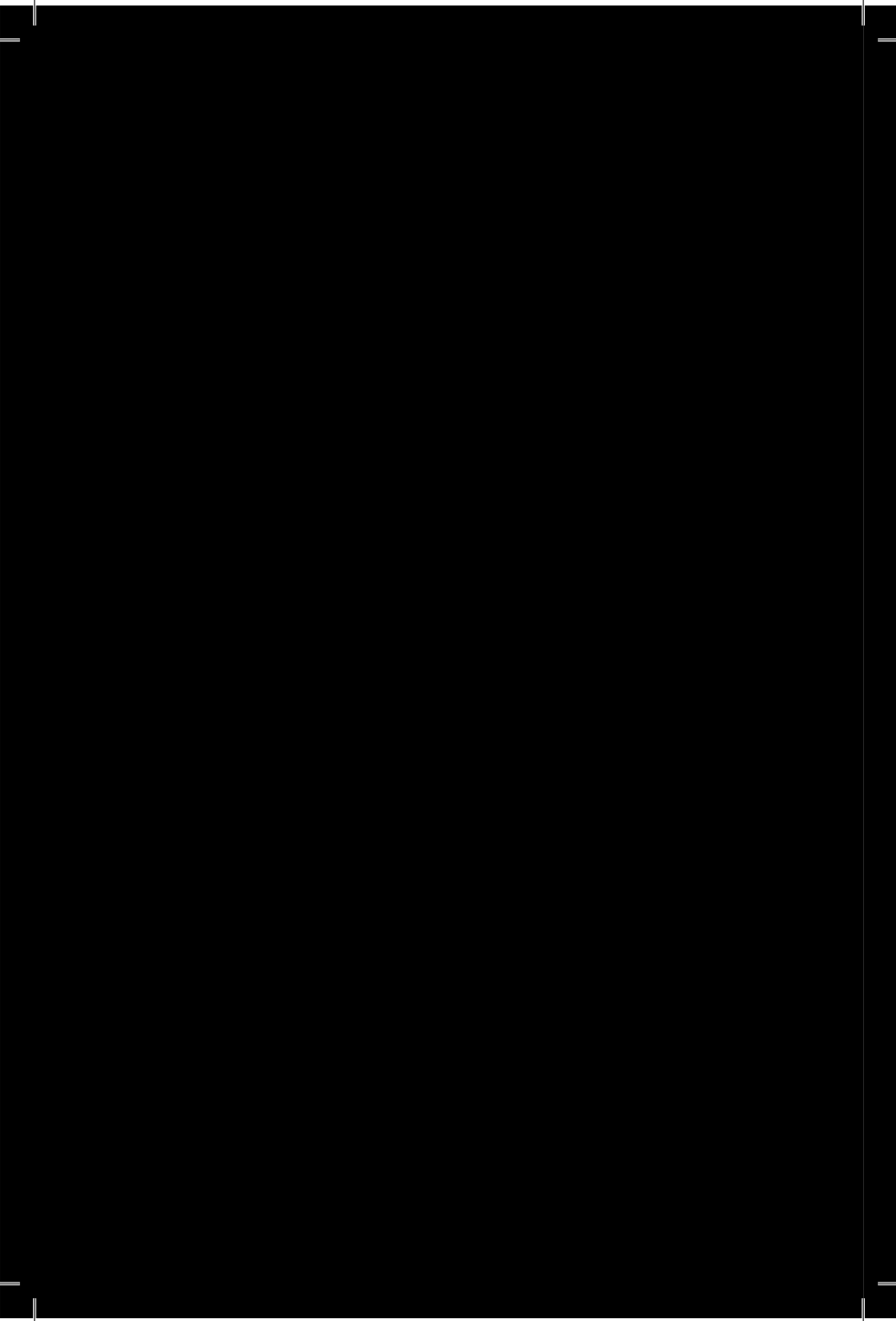


*Para Francisco Sedevich, mais uma vez
E para Isabella, que me devolveu a vida*

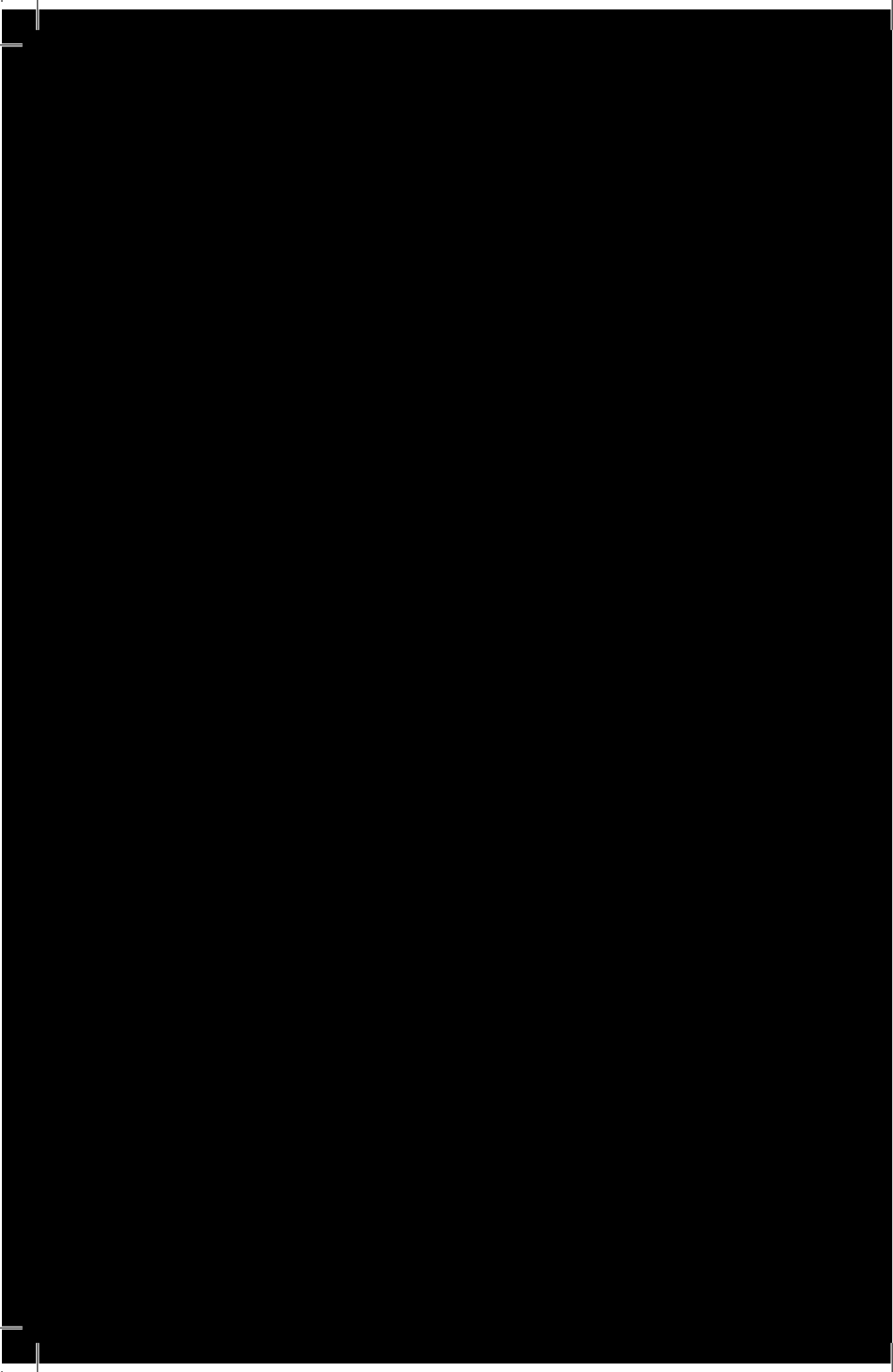


*Na neve, na neve caindo
Neste silêncio
Eu estou.*

Taneda Santoka



Sempre que chove me lembro do amarelo



1

Sempre que chove me lembro do amarelo.
Penso no dente de leão, sedoso,
que naquela tarde desfez minha sobrinha.
E em sua cabeça, como uma grande cebola,
fulgurante sobre a grama úmida.

*

Entre os galhos mais baixos do ipê
a menina arranca flores amarelas.
Diz que pensa nessas flores
por muito tempo.
E eu sorrio.
Quase não penso
há muito tempo.

*

Nesta tarde
a chuva malogra
em minha memória
uma árvore
que nunca conheci.

2

Entre os galhos um bem-te-vi canta.
Quando era pequena me afligia.
Voltarei a ser infértil, pura, magra.
Voltarei a deixar crescer o meu cabelo.
Esquecerei meu sexo como deixo
esquecer a trama dos contos.
Penso na pena dos pássaros
como se pensa numa tatuagem velha.

*

Atravesso o parque.
As caturritas
calam o cochilo com seu riso
verde.

*

Só há nuvens no céu.
Meu filho está triste por amor.
E longe.

*

Ciprestes secos.
Se eu pudesse emprestar meu coração,
neste transe,
filho.

*

Outra vez os bem-te-vis.
Talvez meu filho
hoje esteja dramático
seu canto.

*

Atravessando o parque
descubro outro grande ninho de caturritas.
Preferem certas árvores,
escuras e grandes.

*

Querido filho:
Atravessar o parque
observando as árvores
salva.